

Banco de Boston anula um quinto de seus empréstimos

O Banco de Boston, um dos maiores bancos dos Estados Unidos, perdeu um quinto dos empréstimos que havia concedido à América Latina e preparou-se para cancelar quase todo o resto dessa dívida. A medida causou enorme impacto nos mercados financeiros de todo o mundo e poderá estimular outros credores a fazer a mesma coisa.

Na noite de segunda-feira, o Banco de Boston anunciou que estava cancelando US\$ 200 milhões de um total de US\$ 1 bilhão de dólares em empréstimos a nações da região, reconhecendo que não havia condições de cobrá-los ou de recebê-los. O banco também desviou US\$ 430 milhões para a formação de novas reservas a fim de enfrentar prejuízos nos US\$ 800 milhões restantes. Para compor uma trilogia de medidas impressionantes, o banco também disse que não registrará mais quaisquer juros em seus livros, referentes aos US\$ 800 milhões. Essa última medida significa que o banco não contará entre suas receitas os juros que espera receber desses empréstimos.

O anúncio do décimo terceiro maior banco americano foi feito no fim da noite mas chegou a ser registrado nas primeiras páginas dos principais jornais do país. A medida criará enormes pressões sobre outros bancos e calcula-se que pelo menos alguns deles a imitarão. Entre os mais citados estão bancos mais sólidos e portanto com melhores condições para eliminar de seus livros dívidas reconhecidamente impagáveis, com o Banker's Trust e o Morgan. Depois da moratória brasileira, a maior parte dos bancos americanos tinha aumentado substancialmente suas reservas a fim de se preparar para prejuízos nas suas operações com a América Latina.

Ao criar reservas para enfrentar perdas, um banco desvia capital de giro e o congela. Reservas são imediatamente descontadas das receitas de um banco. Quando elas são usadas para cancelar empréstimos, não há nenhum impacto adicional sobre as receitas da instituição.

O Banco de Boston é uma das instituições americanas com maior experiência em operações de crédito na América Latina. No início do século esse banco começou a financiar pecuaristas e a indústria do couro da Argentina e, desde 1947, os cafeicultores brasileiros. Desde a crise da dívida, contudo, esse banco começou a dar sinais de maior preferência pelas operações na região da Nova Inglaterra, onde está sediado. A partir de então, começou a fazer uma retirada gradual da América Latina. Essa política foi facilitada especialmente pelo ressurgimento econômico do Estado de Massachusetts, graças às indústrias de alta tecnologia, cuja expansão foi facilitada pelas universidades de Boston, principalmente Harvard e MIT.

Mas bancos de outros grandes centros americanos, como Nova Iorque, Chicago, Los Angeles e San Francisco, não tiveram lucros semelhantes. Além disso, eles têm demonstrado que continuam empenhados no financiamento da América Latina. Por causa disso, esses outros bancos tentarão evitar o cancelamento de empréstimos para a região. Mas a persistência em operações na América Latina está causando uma deterioração da imagem desses bancos. Na semana passada, por exemplo, o serviço de investimentos Moody's, que classifica bancos de acordo com suas perspectivas de lucros, iniciou uma revisão dos 42 principais bancos do país. A Moody's justificou essa medida dizendo que as possibilidades do Terceiro Mundo pagar suas dívidas eram cada vez mais remotas.

Ira Stephanian, presidente-executivo do Banco de Boston, disse que foi fortemente influenciado pelas condições econômicas internacionais e pelas negociações da dívida dos países latino-americanos. "Levamos também em conta a declaração dos presidentes das principais nações devedoras latino-americanas em Acapulco, na qual eles pediram que os credores aliviassem a carga da dívida", acrescentou ele. O Brasil deve US\$ 260 milhões ao banco. (R.G.)